

Política cambial não é o problema maior

"Nosso problema não é cambial, como muita gente crê, erradamente. Nosso problema é de desaparecimento de mercados. O que que adianta, nesse caso, mexer na taxa cambial?", pergunta Rosemberg, ao descartar, também, a conveniência de outra correção recessiva: "Em 1981 a economia precisava crescer menos para permitir ao país passar do déficit para o superávit na balança comercial. Se este ano vamos terminar com um superávit, qual o sentido de insistir na mesma fórmula?"

Além disso, de acordo com a recente pregação de Delfim, a economia brasileira precisa viabilizar projetos de desenvolvimento capazes de absorver, anualmente, os 17 bilhões de dólares necessários ao refinanciamento da dívida externa. Assim, só será possível conciliar esses contrários criando os chamados "espaços" para crescer, mesmo a uma taxa de 5%, que os críticos da política econômica consideram uma meta medíocre.

Ao diagnosticar a origem das atuais dificuldades brasileiras para debelar a inflação, o Ministro da Fazenda lembrou que o problema fatal foi a segunda multiplicação do preço do petróleo — que passou de 12 dólares, em 1979 para 35 dólares, em 1981 — acirrando a realimentação dos preços até março do ano passado, quando medidos nos 12 meses, eles atingiram a 121%. A partir daí, segundo Galvães, os efeitos das políticas monetária e fiscal exerceram influência positiva sobre a conjuntura, que assumiu uma tendência declinante, com exceção do número de junho — 8% — que o Governo considera um desvio, casual e imediatamente corrigido.



Ernane Galvães



Akihiro Ikeda

O Ministro acha, contudo, que por esse acidente, que aliás culminou com um semestre francamente desfavorável, pagará toda a estatística do ano, quando se repetir em dezembro praticamente a mesma inflação de 81. "Não vejo hoje uma causa única para explicar a inflação, e sim um sistema de causação circular, alimentado pelos subsídios, expansão de crédito, correção salarial e correção monetária", raciocina ele. "Por isso, o Governo se antecipou à explosão de uma espiral, contagiando os gastos públicos e refreando a demanda através da manutenção do crescimento dos meios de pagamento abaixo da inflação."

Ikeda concorda com o Ministro da Fazenda ao reparar que o atual sistema de indexação da economia brasileira retarda o combate à inflação, mas ao final de um certo período exibe seu sucesso. "A experiência recente mostrou que, apesar do componente polêmico dos reajustes salariais semestrais, foi possível trazer a inflação de 120 para 90%", diz ele. A apuração de um índice de 5,8% em agosto, sustentando a taxa anualizada um pouco abaixo dos cabalísticos três dígitos, serviu para estimular as autoridades a acreditarem no êxito da manutenção da atual política. Mas para 1983, já foram definidas previamente providências que, desde que a economia não seja surpreendida com a criação de novo Finsocial (apontado como o responsável pelo saldo de junho), será possível encolher o crescimento dos preços "até 25 pontos percentuais", de acordo com a expectativa otimista do Ministro Galvães.